



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

VIRGÍNIA GONÇALVES DE MELO

**RELACIONAMENTO ABUSIVO: QUE GOZO É ESSE?
UM OLHAR PARA O FEMININO**

**CAMPINA GRANDE
2018**

VIRGÍNIA GONÇALVES DE MELO

**RELACIONAMENTO ABUSIVO: QUE GOZO É ESSE?
UM OLHAR PARA O FEMININO**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação de Psicologia da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau
Bacharel/Licenciado em Psicologia.

·
Orientador: Prof^a. Dr^a. Jailma Berlamino
Souto

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528r Melo, Virgínia Gonçalves de.
Relacionamento abusivo: Que Gozo é esse? [manuscrito] :
Um olhar para o feminino / Virgínia Gonçalves de Melo. - 2018.
23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde , 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Jailma Belarmino Souto ,
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Psicanálise. 2. Relacionamento abusivo. 3. Narcisismo.
4. Devastação.

21. ed. CDD 150.195

VIRGÍNIA GONÇALVES DE MELO

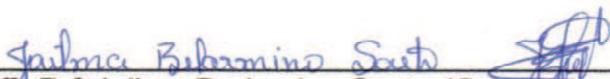
RELACIONAMENTO ABUSIVO: QUE GOZO É ESSE?
UM OLHAR PARA O FEMININO

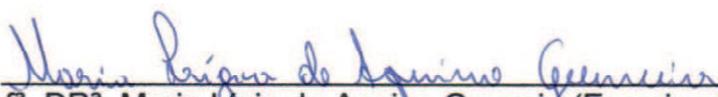
Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação de Psicologia da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau
Bacharel/Licenciado em Psicologia.

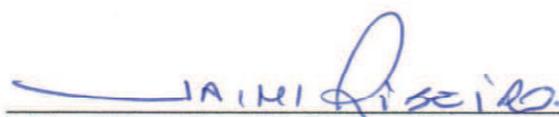
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jailma Berlamino
Souto

Aprovada em: 13/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof^a. Dr^a Jailma Berlamino Souto (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof^a. DR^a. Maria Lígia de Aquino Gouveia (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Jaims Franklin Ribeiro Soares (Examinador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Zezito Trovão que sempre esteve ao meu lado nessa trajetória chamada vida.

À minha mãe, Marluce Brito, quem tanto me inspira enquanto mulher.

À minha mais que irmã, Ana Cecília Trovão, por sempre pegar na minha mão.

A meu avô do coração, Luiz de Paula (*in memoriam*) por ter compartilhado sua experiência e sabedoria.

A Maria Virgínia Trovão, que se fez minha avó, pelo cuidado e amor.

À minha orientadora, Jailma Souto, por ter apostado em mim, e pela dedicação na minha formação psicanalítica.

À Syzaine, irmã que a psicanálise me deu, quem tanto me ajudou.

À Marina Luna, minha analista, graças a ela e meu processo analítico que esse trabalho foi possível.

Ao meu companheiro, Rogério Bezerra, pela contribuição e afeto.

Aos amigos do peito, Ana Rosa Rolim, Camila Deodônio, e Marcos Moraes pelo apoio.

“Nega-me o pão, o ar,
A luz, a primavera,
Mas o teu riso nunca,
Pois sem ele eu morreria.”

Pablo Neruda.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. O FEMININO QUE INTRODUZ A PSICANÁLISE.....	8
2.1 <i>Narcisismo.....</i>	<i>11</i>
2.2 <i>Gozo feminino.....</i>	<i>12</i>
2.3 <i>Amor e devastação.....</i>	<i>14</i>
2.4 <i>Lua de fel: psicanálise e a sétima arte.....</i>	<i>15</i>
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	22

RELACIONAMENTO ABUSIVO: QUE GOZO É ESSE? UM OLHAR PARA O FEMININO

Virgínia Gonçalves de Melo*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar, à luz da psicanálise, o lugar ocupado pelo feminino em um relacionamento abusivo, para isso recorreremos ao filme “Lua de Fel”, lançado em 1992 sob direção de Roman Polanski, uma vez que a arte, de acordo com Freud, precede a psicanálise. Assim, a fim de compreender o sustentáculo de uma parceria sintomática, bem como o lugar do Gozo Outro, aquele ao qual submetem-se todos que se inscrevem na equação do não todo, e o fenômeno da devastação em um cenário caracterizado por uma relação abusiva, onde o amor é uma forma de suplência para que Ela possa se nomear. Tendo em vista a ausência de um significante que indique o que é A mulher, e o encontro do amor com o gozo mortificante, recorreremos a conceitos Freud-Lacanianos, apostando no par implicação-responsabilização, assim como, na possibilidade da mulher criar arranjos vivificantes mediante o seu Gozo.

Palavras-Chave: Relacionamento Abusivo. Feminino. Devastação.

1. INTRODUÇÃO

No seminário da transferência, livro 8 (1960/2010), Lacan comenta o discurso de Sócrates no banquete de Platão para falar do amor que interessa ao desejo do analista. Explica que o objetivo do *Banquete* é que cada um dos personagens que o integram faça seu elogio ao amor. Sócrates resolve transmitir o que ouviu da boca de Diotima, uma mulher de Mantinea, certa vez, em que ela fala que aconteceu com o amor algo similar ao que houve com a palavra *poiesis*. Esta, que em grego originalmente significa a ação de fazer, de produzir, fazendo-se a causa da passagem do “que quer que seja do não ser ao ser” — o que configura uma relação com a criação foi ficando restrita à ação de fazer versos ou música. Segundo

* Aluna de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: virginiatrovao@gmail.com

Diotima, o amor estaria vinculado, em sentido amplo, ao desejo do que é bom e nos faz felizes, seduzindo nossos corações, e ficou restrito a indicar a busca da metade de si mesmo (LACAN, 1960/2010).

Ainda no *Banquete*, a ideia de busca da metade de si mesmo para definir o amor fica bem configurada no discurso de Aristófanes, no qual ele conta um dos muitos mitos que aparecem nos discursos a que se referia a crítica de Diotimia.

O mito grego enunciado por Aristófanes no Banquete de Platão, mito fundador do imaginário do amor enquanto completude em nossas culturas ocidentais. Os seres humanos, inicialmente eram divididos entres três gêneros: o feminino, masculino e o andrógono, este último, possuía os dois sexos, quatro braços e quatro pernas e duas cabeças, seres extremamente fortes, colocando o poder dos deuses em questão. Dessa maneira, Zeus resolveu parti-los ao meio, enfraquecendo-os e agora com uma nova meta que não seria desafiar o poder dos deuses, mas antes, buscar a sua outra metade. Zeus após parti-los deixou que eles se reproduzissem, quando as duas metades se encontrassem.

Desde então, o homem buscaria mitologicamente sua outra metade, movimento que costuma ser relacionado ao amor, contudo, Freud irá apontar o amor como sendo, na realidade, um retorno ao narcisismo, ao modelo das primeiras relações vividas. Assim, de acordo Lacan (1953) em seu aforisma “A relação sexual não existe”, justamente por falta de recursos que dê conta dessa ilusão de complementariedade. Dessa maneira estamos fadados a procurar algo que nunca encontraremos, não havendo outra “metade” que possa preencher a falta.

Em busca disso que perdemos para sempre, vamos formando parcerias, parcerias-sintomaticas (MILLER, 1998), uma parceria do *sinthoma* de cada um dos envolvidos. *Sinthoma*, de acordo com Lacan, é o que constitui o sujeito, sua história, sua subjetividade. Assim, toda parceria amorosa é sintomática, um *sinthoma* corresponde ao outro. Tais parcerias podem ser construtivas ou destrutivas, de acordo com a modalidade de gozo “escolhida”, como veremos posteriormente.

Apesar da notoriedade midiática, não é de hoje que se escuta falar em relacionamentos abusivos. Realidade e ficção trazem em seus enredos desde muito tempo este modo de se fazer laço social, cuja principal característica é o encontro entre dominador e dominado. Tal equação não é, entretanto, tão simples quanto pode aparentar, isto porque, para além do encontro entre o abusador e sua vítima, o

que está em cena é o encontro entre sintomas, deste modo, seguem numa relação de complementariedade, em que é ofertado e tomado, concomitantemente, aquilo que falta ao outro, deste modo, a completude paradisíaca prometida logo se converte em um emaranhando de círculo vicioso e de sucessivas decepções, uma vez que o amor como completude nada mais é que doce ilusão (ZIMERMAN, 2003).

A emancipação feminina têm permitido que a mulher contemporânea, nas palavras de Guimarães (2014), assuma uma posição fálica, em que sucesso político, cultural, intelectual e autonomia sexual tornam-se equivalente ao falo, este, todavia, não parece bastar a essa mulher, que representada pela cabeça da medusa, não está isenta em sofrer por amor, estando o sofrimento aliado a alguma forma de satisfação secundária, já que, daquilo que sofremos também gozamos (NÁSIO, 1992/1993) somos levados a questionar: Que gozo é esse?

Lacan (1972/2008), ao falar da posição de gozo, onde a mulher está do lado não-todo, pois não fora totalmente castrada, algo resta da sua primeira relação objetual com mãe, deixando-a mercê de um gozo que está para além do fálico. Deste modo, na tentativa de dar conta desta modalidade de gozo que é característica do feminino, a mulher recorrerá ao amor como forma de suplência a ausência do significante que lhe diga o que é A mulher; todavia, não são raros os casos em que a promessa de completude se converte em abuso e devastação.

É na tentativa de compreender o lugar ocupado pelo feminino no interior de um relacionamento abusivo que nasce este artigo. Aqui será feita uma análise do filme do diretor Roman Polanski, "Lua de Fel" de 1992, sendo a psicanálise o nosso ponto de partida.

Utiliza-se como método de estudo a revisão bibliográfica fazendo um recorte de leitura em Freud e Lacan de textos que tratam do tema em questão e os outros pós-freudianos que trabalham na mesma vertente. Utilizou-se a exibição do filme e a íntima relação da psicanálise com a sétima arte como rico material de análise. Extrai-se do estudo que independente da época e da emancipação feminina, há uma castração frente ao gozo que demanda a rendição do sujeito, seja ele homem ou mulher, embora que para o sujeito que se entenda homem a cultura faz suas alianças driblando-o como portador do falo. E para o sujeito mulher que se sabe desde sempre castrada? Só lhe resta fazer os arranjos que engodam seu ser de mulher, usar as máscaras do feminino, fazer disso véu e sedução, porta o enigma do sexto sentido frente ao Outro sexo.

2. O FEMININO QUE INTRODUZ A PSICANÁLISE

A psicanálise nasce em uma época marcada pelo discurso cartesiano, nela, é a observação o meio para a construção do conhecimento, e a verdade fruto do rígido método científico. É neste contexto que aparece a figura de Sigmund Freud, um jovem neurologista, que propõe o impensável: ouvir aquelas cujo problema encontrava no corpo, através do sintoma histérico, sua principal via de expressão. Inicialmente ele faz uso da hipnose, abrindo mão desta para por em prática, graças ao apelo de uma de suas histéricas, a Srta. Elisabeth Von R., a associação livre. Pode-se dizer, portanto, que é o enigma do feminino o insumo que possibilitou o nascer da psicanálise. (FREUD, 1914/1996).

Apesar da rigidez típica da moral vitoriana de seu tempo, Freud ousa ao anunciar uma de suas principais descobertas, a saber, que a sexualidade infantil está posta desde a tenra idade, apontando para o complexo de Édipo como fator estruturante, sendo a neurose feminina, foco deste trabalho, uma de suas implicações.

Para que se possa compreender o que chamamos de neurose feminina, é importante que se clarifique o fato de que as posições sexuais masculina e feminina começam a se diferenciar desde muito cedo, ainda no Édipo, quando menina e menino se dão conta do ignorado até então, isto é, da partilha dos sexos. Assim, a fantasia da universalidade do pênis, que possibilitava a criança manter a mãe como objeto absoluto de amor, desmonta-se, permitindo que novos objetos amorosos entrem em cena. Deste modo, o menino, temeroso a castração, encontra na renúncia do objeto amado e na esperança de encontro com um similar, à saída do Édipo; enquanto que a menina, ao constatar sua condição de castrada, efetuará uma troca, elegendo o pai como novo objeto amoroso, iniciando assim, seu Complexo de Édipo. Tal arranjo acarretará inúmeras consequências aos sujeitos, sendo uma delas, para a menina, a experiência de sentimentos paradoxais em relação àquela que tendo lhe negado o falo fora também seu primeiro grande amor.

Ressentimento, amor e ódio, afetos que podem retornar em suas futuras relações amorosas, uma vez que não toda submetida a insígnia fálica, a menina se encontrará, graças a esse resto do Édipo anterior, a beira da devastação. (FREUD, 1931/1996).

É importante ressaltar, que graças à modificação de posição experienciada no Édipo, é possível a menina vivenciar uma espécie de bissexualidade, onde ora entrega seu amor ao pai e revive a hostilidade em relação à mãe; e ora ama a mãe e hostiliza o pai no Édipo invertido (Quinet, 2015). Dessa maneira, na procura por um parceiro que lhe permita reviver a experiência “fantástica” que teve com o pai, “a mulher” pode acabar se deparando com um relacionamento difícil como o que teve com mãe. Tal oscilação entre o masculino e o feminino, entre o estar ou não identificada ao falo permitirá, de acordo com Freud (1931/1996), a emergência de algo de enigmático no feminino.

Para Lacan (1972/2008), a posição feminina é mais complexa que a masculina, já que para esta última é possível à identificação consigo mesma. Ao feminino resta, entretanto, a impossibilidade de identificar-se a si ou a algo que lhe defina enquanto tal, uma vez que há apenas um sexo representado no inconsciente, o falo. Deste modo, resta à mulher a inexistência, já que falta ao inconsciente um significante que lhe simbolize, ficando para o feminino um gozo que excede o fálico (aquele que está inscrito), trata-se de um gozo Outro, um que está para além da linguagem e que traz algo consigo, algo que restou do período anterior ao Édipo, estando ele intimamente ligado a relação da criança com a mãe. A feminilidade aparecerá então como algo que está entre dois modos de gozar (FUENTES, 2012).

Assim sendo, o amor pode mostrar-se para mulher como forma de suplência diante da impossibilidade de identificar-se à sua sexualidade, trata-se de uma oportunidade de nomeação, já que para esta se faz necessário, uma vez que está enlaçada a dois modos de gozar, a construção do ser mulher.

2.1 Narcisismo

Freud (1914/1996) aponta para a existência de dois tipos de narcisismo: O Narcisismo Primário e o Narcisismo secundário, ambos presentes no desenvolvimento do indivíduo neurótico. O Narcisismo Primário é anterior ao Édipo, é ele quem viabilizará a constituição do Eu do infante, que se mostra enquanto um período marcado pela extrema necessidade de investimento libidinal por parte de um Outro, em especial o materno, sobre seu ego. Já no Narcisismo secundário o investimento de terceiros é dispensado, este tempo, que é posterior ao Édipo,

assinala o deslocamento da criança do eu ideal de seus pais para a criação de um ideal de eu.

Por não ser completamente submetida a castração é possível que na adolescência a menina regresse ao Narcisismo primeiro, apelando para o olhar do Outro eleito, este responsável pela significação de sua sexualidade. Tal condição é restrita ao feminino, todavia, não é exclusiva a fêmea, já que não se trata de uma especificidade genital, mas de uma posição de Gozo. Afinal, como enunciado por Pierre Naveau ex-AE da École de la Cause Freudienne durante a jornada anual da Escola Brasileira de Psicanálise em Minas Gerais: “Um homem, quando ama, é uma mulher”. Deste modo, apoiando-se na teoria Lacaniana acerca das posições de gozo (1972/2008), pode-se afirmar que, estando vinculada ao Narcisismo Primário, a devastação é passível de acontecer a qualquer ser falante que esteja situado em posição de mulher, configurando-se enquanto saída quando já não mais há o falo como garantia a esse não-todo feminino (-phi). Assim o modo de suplência ao amor apresenta soluções diversas para homens e mulheres, dizem respeito à particularidade de cada um na lógica da sexuação.

Em suas relações amorosas as mulheres não são propriamente inclinadas a amar, seu desejo é o de ser amada, uma vez que o Narcisismo feminino não indica, de acordo com Lacan (1958/1998), um amor orientado para si: ele seria na realidade um mecanismo que permitiria a mulher tentar construir uma identidade propriamente feminina, de modo que o amor se apresenta para ela enquanto suplente do significante que lhe falta. As mulheres fazem semblantes, fazem uso de uma máscara, justamente para serem amadas por aquilo que não são, resultando num semblante d’A Mulher que foge ao campo do Todo, mas vale salientar que as mulheres não querem ser iguais as outras, ao contrário, querem ser únicas para o desejo do Outro.

2.2 O Gozo Feminino.

A partir do “*Além do princípio de prazer*”, Freud(1920) fala da pulsão como repetição em sua insistência de reencontrar o que foi perdido como objeto primordial. A repetição procura evitar todo o desprazer, zerar os pontos de tensão. Essa busca cai num circuito pulsional como satisfação de gozo que só cessaria com a morte e retorno ao inorgânico.

Definir o conceito de gozo é de grande complexidade. Lacan o coloca como paradigma no mais além da releitura freudiana. Miller fazendo a releitura de Lacan a partir do conceito de “Coisa” freudiana, acrescenta: “O que quer dizer *Das Ding*, a Coisa? Quer dizer que a satisfação, a verdadeira, a pulsional, a *Befriedigung* não se encontra nem no imaginário, nem no simbólico, que ela está fora do que é simbolizado, que ela é da ordem do real (MILLER, 2012 p 12).

Lacan, inspirado na teoria freudiana da energia psíquica e seus três destinos, cria o conceito de gozo em três estados: O gozo fálico, o mais de gozar e o gozo Outro. O conceito de gozo é bastante complexo, embora, a princípio atrelado a pulsão de morte, também pode estar a serviço da vida, haja vista que a pulsão também demanda que uma porção de gozo vibre em direção ao desejo e a vida. Segundo Lacan (1962/2010)”, só o desejo faz condescender o gozo”.

O gozo fálico diz respeito a energia dissipada durante a descarga parcial, tendo como efeito um alívio relativo, um alívio incompleto da tensão inconsciente. Essa forma de gozo é denominada fálica porque o limite que abre e fecha o acesso à descarga é o falo (NÁSIO, 1993).

O gozo sexual faz limite, porque depende do significante: é com efeito o significante que introduz a dimensão do sexual no ser humano — ou seja, a organização fálica e a concentração em que ela implica sobre um órgão que o significante isola do corpo. A dialética que se envolve entre o gozo (em geral) e o gozo sexual (ou fálico) pode ser correlacionada à relação entre o ser e o significante (ANDRÉ, 1992, p, 211).

Para o sujeito que se situa na castração do lado da posição masculina há acesso ao gozo fálico, via gozo pelo órgão. Para o sujeito mulher só há esse acesso se conseguir se colocar em relação ao Outro sexo em posição de abrir mão de ter o falo e atuar como objeto causa de desejo e não como o objeto do desejo.

O mais de gozar corresponde ao que diferentemente do fálico, permanece no interior do sistema psíquico, um resto que é impedido a saída pelo falo. Seria o mais, o resto da energia não descarregada, esse restante aumenta permanentemente a intensidade da tensão interna que está ligado a zonas erógenas. O impulso surge nessas zonas, o mais de gozar estimula constantemente deixando essas zonas em estado de erotogenia.

O gozo Outro ou gozo feminino é um estado fundamentalmente hipotético que corresponderia à situação ideal em que a tensão fosse totalmente descarregada,

sem o entrave de nenhum limite. Gozo este que escapa ao domínio do significante, estando situado para além da linguagem, ou seja, para além do inconsciente. “O gozo do Outro é designado aí como um gozo para-sexuado, fora-da-linguagem, que suporta o ser ou o corpo como tal, quer dizer, como vivo, não como morto” (ANDRÉ, 1994, 2016). Seria o gozo não possível de dizer, sendo relatado por alguns como o êxtase do místico, daquilo que não se revela em palavras. O mistério que confere à mulher o sexto sentido.

A questão da mulher diante do gozo Outro diz respeito também a sua falta de significação fálica no corpo. Só há um sexo representado no inconsciente para homens e mulheres: o falo. O Outro sexo fica sem representação (-phi). “a problemática feminina decorre das modalidades segundo as quais a função do falo se exerce ao nível do inconsciente como a função de um significante, e da maneira pela qual os sujeitos se declaram assujeitados à sua lei” (ANDRÉ, p. 210).

Em função disso Lacan (1972/2008) nas formulas de sexuação, diz que a mulher é não toda, pois há algo dela que não pode ser atingido em palavras, não regulado pelo significante fálico. Esse gozo a mais, que o sujeito falante na posição feminina tem, possibilita uma relação mais íntima com o Real, dessa maneira, enquanto que o gozo do homem passa pela identificação com o significante fálico, a mulher se submete a duas modalidades de gozo; o fálico e o feminino, já que ela se sabe castrada, mas não-toda.

Essa posição da mulher, identificada ao feminino frente ao gozo, diz também de sua relação com a possibilidade de devastação na relação amorosa. Mesmo reconhecendo a castração, mas sabendo-se não-toda, a mulher resiste a se colocar como objeto causa, ela que ser o objeto do desejo porque sua demanda é de amor e a demanda de amor exige do Outro mas do que ele pode dá, exige todo o seu ser. Na impossibilidade desse encontro, dada a inexistência da relação sexual (LACAN, 1972/2008) o que resta é a devastação.

2.3 Amor e devastação

Em busca de tamponar o que lhe falta, o sujeito se depara com o sintoma. De acordo com Dupim e Besset (2011), há algo nas parcerias amorosas que estabelece uma satisfação no sofrimento, uma vez que atuará enquanto suplente da falta pela via do amor, já que: “o sintoma inscreve-se no lugar do que se apresenta como falta,

a falta do parceiro sexual natural. O sexo não designa um parceiro sexual natural, é insuficiente para aparelhar” (MILLER, 1998, p.30).

Miller (1998) cria o termo de parceiro-sintoma, para indicar que o verdadeiro parceiro do sujeito é sua forma de gozar, o que implica que há um endereçamento do sintoma que faz laço com o Outro, de modo que toda parceria é sintomática. Miller se inspirou em Lacan em seu último ensino, trocou o termo sujeito por falasser, sendo o falasser um corpo vivo, que fala e goza ao falar, o sujeito, por sua vez, ligado a mortificação, denominou de falta-a-ser. Assim, falasser é como o sujeito mais o corpo, é o sujeito mais a substância gozante, evidenciando-se o conceito de grande Outro para o sujeito barrado \$, onde esse Outro do parceiro-sintoma é corpo vivo, sexuado e permeado pelo gozo. Segundo o autor, a relação do parceiro supõe que o Outro se torna o sintoma do falasser, isto é, torna-se um meio de gozo, pois se trata de gozar inconscientemente do corpo do Outro, assim, ainda que o gozo seja do Um, *auto erótico*, se produz também através do corpo do Outro, fora do corpo, *alo-erótico* (MILLER, 1998).

A demanda infinita de amor retorna ao falasser feminino, o sujeito feminino sob a lógica do não-todo se dirige ao parceiro pela demanda de amor, o que volta sob a forma de devastação.

Devastação é a tradução do termo francês *ravage* que significa arrasar, fazer estragos, que tem a mesma raiz da palavra *ravissement*, deslumbramento. Derivado de *ravie*, deslumbrar. Assim, depende da modalidade de gozo, pois um homem pode ser para uma mulher motivo de devastação ou de deslumbramento. Para Lacan A devastação do sujeito feminino está relacionada ao enigma estabelecido pelo gozo feminino da mãe. Gozo este que escapa ao simbólico e que implica no fato do desejo da mãe não ser inteiramente simbolizado. Esse gozo aponta para um sem limite da experiência feminina. Pois o Gozo da mulher é não todo, ilimitado e não está totalmente referido à lógica fálica, já o gozo do homem é simbolizado, é limitado. Dessa maneira o amor tem como função de suplência para as mulheres para tentar dar significação a sexualidade feminina (LACAN, 1972/2008).

Lacan afirma que a erotomania é uma forma da mulher amar que beira a loucura: “Não há limites as concessões que cada uma faz para um homem: seu corpo, sua alma, seus bens.” (LACAN, 1974/1993, p.538). Essa forma de amar pode ser desenfreada e ilimitada, assim como como o seu gozo, além do falo. Logo, a

devastação e a erotomania são rumos possíveis de relacionar a mulher, pela suplência do amor, ao seu gozo.

Assim, se uma mulher encontra seu parceiro-sintoma que faz da relação, um relacionamento abusivo, ela se devasta, não medindo esforços ou consequências em “nome do amor”, levando à uma relação mortificante. Na devastação há uma demanda de amor infinita na qual o importante é ser amada mesmo como objeto-dejeto, pois na mulher há uma predominância do objeto de amor em relação ao desejo (LACAN, 1958/1998).

2.4 Lua de fel: psicanálise e a sétima arte

*“Podemos morrer se apenas amámos”
Fernando Pessoa*

Como enunciado o presente trabalho tem como objetivo a análise do filme “Lua de Fel”. Dirigido por Romam Polasni e lançado em 1992, a obra é cenário de um (des)encontro amoroso entre um homem e uma mulher cuja parceria enlaçou-os em uma história marcada de devastação. Mimi, uma das protagonistas do enredo, encontra-se arrasada em um relacionamento abusivo, no qual coloca-se como objeto-dejeto de Oscar, seu grande amor.

O filme inicia com um casal inglês, Nigel e Fiona, embarcando em um cruzeiro para comemorar seus sete anos de casados, sua relação, no entanto, se mostra desgastada, o que fica evidente ao telespectador, por via do encontro destes com os recém-casados Oscar e Mimi. Tudo começa quando Mimi passa mal e é ajudada pelo casal inglês. À noite Nigel vai tomar alguns drinks na ausência de Fiona que estava cansada. Nigel fica admirando a dançarina Mimi em seus movimentos, em seguida eles conversam um pouco, porém Mimi logo vai embora. Em seguida, é a vez de Oscar entrar em cena, tendo percebido o interesse do rapaz por “sua mulher”, este sente-se instigado a alertar Nigel acerca dos perigos de Mimi, momento em que inicia um longo relato, sendo a atenção de Nigel a condição para que àquele possuísse sua esposa.

Oscar faz uma retrospectiva do seu relacionamento com Mimi, assim, o filme se passa em dois tempos. Nigel é convidado a escutar a história muitas vezes, sempre se propondo a fazê-lo, graças ao seu interesse por Mimi. A narrativa tem

início com o relato de como eles se conheceram, algo semelhante ao “amor à primeira vista”: Em um ônibus, percebendo que a linda moça estava sem o bilhete da passagem, ele lhe dá o seu, sendo obrigado a sair do ônibus. Após esse episódio, Oscar começa a procura-la incessantemente, andando na mesma linha do ônibus diversas vezes na esperança de encontrá-la. Depois de certo tempo, quando ele estava em um encontro com outra mulher em um restaurante, a linda moça do ônibus, era então a garçonete que foi atendê-los. Oscar não hesita em chamá-la para sair, Mimi aceitou. A partir de então, dada a intensidade da paixão, foram morar juntos, tendo ficado dias e dias sem sair de casa, no deleite do corpo um do outro. Mimi larga tudo para dedicar-se integralmente a Oscar, que não precisa trabalhar, apesar de ser escritor, graças a uma herança que recebera.

Viveram impetuosamente o ápice da paixão. Passando-se alguns meses, entretanto, a rotina e o tédio chegaram ao ninho do casal, que resolveram recorrer a diversas fantasias sexuais, afim de resgatar, sem êxito, o que fora perdido.

Freud (1914/1996) afirma ser a recusa em abdicar do prazer uma vez experimentado uma das marcas do inconsciente. Algo do primeiro encontro sexual entre Oscar e Mimi se perdera com a rotina, apesar da repetição e das inovações, a coisa, que talvez tivesse sido apresentada a Mimi como a promessa daquilo que lhe faltava, não se materializou como fez com bilhete de ônibus que recebera de seu amado. O que pode acontecer a mulher que elegendo um Outro para corresponder sua infinita demanda de amor, se depara com a frustração?

Em uma de suas saídas, Oscar é alvo do flerte de outra mulher, ao presenciar a cena, Mimi tem um acesso de ciúmes, iniciando uma dança sensual com outro rapaz na tentativa de provocar seu amado. Contudo, a reação de Oscar consistiu em se retirar do espaço, deixando Mimi sozinha na festa, entregue ao seu investimento.

Quando chega em casa Mimi encontra Oscar sentado frente à televisão, esperando uma reação de seu homem, instiga-o perguntando o motivo dele ter olhado para outra, ao que ele responde que foi ela quem quase tivera relações sexuais com seu colega ali mesmo, no salão de dança. A partir dessa cena, evidencia-se que Mimi é tocada em sua devastação: Ela desespera-se, afirma tê-lo feito para se defender, joga-se em seus braços, e de joelhos pede desculpas declarando seu amor.

Ver o interesse de Oscar voltado para outra mulher pode ter feito Mimi questionar-se sobre seu ser, afinal, na ausência de um significante que lhes defina,

não é o amor uma das formas de suplência a não representação do feminino no inconsciente? A cena pôs em xeque para Mimi não só a possibilidade de perder seu objeto de seu amor, mas a própria identidade, já que naquele momento o olhar do Outro que elegera estava voltado para outra, apontando assim para os limites da sedução, restando a Mimi o Real, a ausência, os restos de um sentimento de impotência herdado da relação da menina com a mãe; assim, recorre a mascarada, faz semblante, tenta desbancar o Mestre que escolheu, todavia, retorna ao eleito, chora sua falta e lhe implora seu amor. Dessa forma, percebemos uma das evidências da devastação, a erotomania, na qual a mulher não mede esforços, tendo sentimentos exacerbados que faz questionar sua lucidez (LACAN, 1974/1993).

Na tentativa de fechar negócio com uma editora, Oscar e Mimi vão à uma reunião, nela, acidentalmente, a mulher de Oscar derrama bebida sobre a mulher com quem ele tentava negociar a publicação de um dos seus livros, estragando toda a transação. O retorno para a casa é marcado por uma intensa discursão. Diante da queixa de Mimi no que tange sua relação com a outra mulher, Oscar desdenha de Mimi, afirma não ser ela a única mulher na cidade. Diante do insulto, Mimi sugere ser sua partida o melhor a acontecer para o casal, Oscar, cansado da rotina, inclusive mantendo relações sexuais com prostitutas; a incentiva. Aqui, algo se repete, algo do gozo: “Não me deixe ir embora, eu te amo, por favor”. O que está em jogo nesse ponto é mais uma vez a demanda de amor por parte de Mimi, já que o importante para a mulher é ser amada. Mimi quer que Oscar impeça sua partida, seu desejo é o de que ele a deseje - o que indica um retorno ao narcisismo primário, em que é imprescindível um investimento libidinal do Outro (FREUD, 1914/1996).

O desdém de Oscar para com Mimi torna-se ainda mais evidente, ele a humilha, afirma que se não fosse por sua boa vontade ela ainda estaria sobrevivendo das gorjetas que recebia como garçone. As brigas intensificam-se, em uma delas ele lhe agride fisicamente, esta desmaia, porém, sua história de amor não tem aqui o ponto final, ao contrário, ao se reanimar, o pedido de Mimi é o de que Oscar lhe abrace. Para Oscar, a companhia de Mimi torna-se insuportável, assim, em uma tentativa de livrar-se dela, rompe a união.

Angustiado e identificado ao objeto-dejeto, o comportamento de Mimi beira a loucura, ela está disposta a fazer o (im)possível para dar continuidade a esta relação: Mimi não consegue viver sem Oscar, assim, após o rompimento, retorna para a casa do amado, onde encontra as portas fechadas, e é lá que, na esperança

de “reencontrar” o objeto perdido, ela se aconchega. Talvez desejasse tomar àquilo que lhe tinha sido negado ainda no Pré-Édipo (FREUD, 1931/1996). Todavia, é a devastação que encontra com Mimi, diante de seu amado, expõe o anseio de casar-se com ele, almeja que este lhe dê filhos; nesta troca, a jovem se propõe a aceitar tudo o que vier de Oscar, afinal, “Eu faço tudo que você quiser”, é esta a promessa de Mimi, não importando a agressão ou as traições, pois apenas ficar ao lado do seu amado é o que importa.

Nesse momento da análise é importante retomarmos alguns conceitos, afim de que possamos empreender uma análise acerca das ações de Mimi, afinal, o que se encontra por detrás de tamanha entrega e devoção?

O Narcisismo Primário, aquele que de algum modo retorna sobre a mulher, é caracterizado pela ausência de investimento libidinal por parte da criança em objetos externos, toda a sua libido está orientada para o próprio corpo, neste processo o infante será investido também por seus pais. Tal posição é bastante confortável, todavia, não condiz com as exigências da realidade externa, de modo que a criança logo terá de abrir mão de seu Narcisismo Primário e se empenhar na construção de um Ideal de Eu (Narcisismo Secundário), exercício penoso a criança que tentará a todo custo recuperar o lugar do qual fora destituído: [...] A ferida infligida ao narcisismo primário da criança. A partir daí o seu objetivo consistirá em fazer-se amar pelo outro, em agradá-lo para reconquistar seu amor (NÁSIO, 1997. p. 51).

É notório o empenho de Mimi em retomar o posto que a princípio acredita ocupar no desejo de Oscar; homem que a princípio fora capaz de se entregar a falta para que esta pudesse chegar ao seu destino, o qual ultrapassa a rota do bilhete de ônibus, alcançando seu valor Real com a devastação.

Apesar das adversidades, Mimi engravida, se convertendo em um incomodo para o seu parceiro, que lhe “obriga” a abortar. Mimi, submissa aos caprichos de Oscar, retira a criança, abdicando do seu falo, o que evidencia, a essência de um Gozo Outro, aquele que se encontra para além do Gozo fálico (LACAN, 1972/2008).

O que sucede após o procedimento, é que Oscar ludibria Mimi, mandando-a sozinha para “bem longe”, para Martinica. Livre dela, Oscar retorna a sua vida boêmia, em que sexo e bebida fazem parte da rotina, o que é interrompido por um trágico acidente.

Agora é a vez em que Mimi ressurgue: Vai visita-lo e agrava seu quadro consideravelmente, ela o deixa paraplégico; Mimi está disposta a cuidar do seu

homem, porém, tal como ele, de maneira cruel. Vingou-se ao ficar com outros na frente de Oscar, debochou do fato de que ele jamais poderia ter uma ereção, deixava-o fazer suas necessidades fisiológicas sem trocá-lo, entre outros maus tratos; porém, continuava com ele. Percebemos assim, a semelhança de um retorno ao pré-édipo, onde existe uma duplicidade de sentimentos: amor e o ódio, tal como na relação com a mãe, no narcisismo primário, demandando do amor, do olhar do Outro sobre si (FREUD, 1914/1996).

O que sustenta essa relação? Este é o questionamento de Oscar para Mimi, ele quer saber o porquê dela não o ter matado, assim, paradoxalmente, esta lhe presenteia com uma arma, sugerindo que o desfecho da situação agora estava em suas mãos, uma vez que estar com ele era caro a Mimi: “[estou com você] Porque você é precioso para mim, e agora mais ainda.” Guimarães (2014) fazendo menção a Lacan (1972/2008), evidenciará a existência de duas modalidades de gozo, da vivificação ao mortificante, nesse caso, observa-se com clareza que a saída “optada” por Mimi aponta para o da mortificação, já que ao entregar a arma para Oscar ela cede do seu próprio destino, ficando a mercê do Outro.

Apesar do caos, Mimi efetiva a sua vontade de casar-se com Oscar, partindo para um cruzeiro em lua de mel, quer dizer, em lua de fel; ponto em que se iniciou esta história.

Ao final da narrativa de Oscar, Nigel está autorizado a ficar com Mimi. Porém, quem acaba por ficar com ela, é sua esposa, que já o havia alertado de que “Tudo o que você pode fazer, eu posso fazer pior”. Elas fazem amor na frente de Oscar, enquanto que Nigel foi beber indignado com a situação; ao acordar, Nigel dirigiu-se a cabine onde estavam, chegando lá, ao som das provocações de Oscar, ele tenta o enforcar, sendo surpreendido pelo presente de aniversário daquele: a arma. Nigel diz para ele largar aquilo, senão iria machucar alguém, Oscar diz que isso nunca mais vai acontecer, olha para a cama onde Mimi e Fiona estavam dormindo, e diz: “O problema, meu amor, é que fomos ávidos demais”, disparando dois tiros contra Mimi, suicidando-se em seguida com um tiro na boca. Assim termina a sua lua de mel.

Amor e Devastação, termos de significado distinto, mas que em algum ponto da história de Mimi e de muitas outras mulheres se entrelaçam. A busca por um significativo que lhe represente, a demanda insaciável por amor, os restos não simbolizáveis de um pré-édipo que negou a mulher o direito de existir, entregando-a

a um Gozo Outro, inominável, Real. Ser Mulher é um trabalho ávido, uma construção do um à um, é singular, é plural (no sentido das possibilidades de fazer suplência a esta falta). Mimi fez do amor suplente ao significante que lhe faltava, todavia, encontrando-se com os limites do desejo do Outro que elegera, devasta-se: Entrega seu corpo, sua dignidade, seu desejo, sua vida.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A não existência de um significante que lhe diga o que é A mulher, convida aqueles que se inscrevem no feminino a buscar alternativas diante do gozo Outro que lhe afeta, sendo o amor uma saída possível. Desde Freud (1930/1996) ouve-se falar da cura pelo amor, porém, não é este um amor mítico, da ordem da completude, trata-se de um amor que remete a uma parceria possível, onde não se aliena a própria falta, onde ela passa atuar enquanto causa (a), mantendo vivo o desejo, pois é diante do desejo que é possível a mulher desfrutar de um Gozo Outro que vivifica, que lhe permite encontrar um lugar.

O amargo sabor que pode adquirir o amor: é esta a premissa do filme “Lua de Fel”, em que uma mulher diante do impossível nas parcerias, isto é, a totalidade, se oferta a devastação. Oscar é eleito para entregar a Mimi aquilo que lhe falta, aquilo que nem mesmo ele o possui. É diante da ausência em Oscar e, portanto, da sua própria, que Mimi opta por um gozo mortífero. Ela se doa à uma devastação que não encontra limites, assume-se objeto-dejeto, apela insensatamente por um amor enganoso, cujo encontro seria também o encontro com a morte. Quando Mimi dá uma arma para Oscar, dá sua vida também. Sua vida chega ao fim, com o final da narrativa; o gozo mortificante assumido por Mimi se satisfaz, afinal.

Como pontuado, o amor mortificante não é a única saída disponível a mulher frente ao seu Gozo. Mimi teve ao longo do filme a chance de reconstruir sua vida longe de Oscar, mas retorna para o relacionamento abusivo, faz semblante de mulher fálica, “assume o domínio” da relação. Todavia seu desejo de vingar-se evidencia sua recusa em abrir mão do gozo experimentado nessa parceria. Assim, é necessário ao sujeito que se encontra na posição feminina um movimento de implicação, onde não haja a identificação com o objeto-dejeto. Dessa maneira, a psicanálise aponta para uma saída que ultrapassa a devastação. Trata-se da responsabilização, em análise, dessas mulheres pela sua escolha de gozo,

apostando que é possível fazer um novo arranjo de uma maneira menos devastadora.

ABSTRACT

This work's main goal is to analyse, under the psychoanalysis's point of view, the place occupied for the "female character" in an abusive relationship, whereby the Roman Polanski's movie "Lua de Fel" (To original "Bitter Moon"), it was released in 1992, by the way, according Freud "arts comes up before the psychoanalysis". Therefore, willing to understand how could to hold an "symptomatic partnership", as also the spot occupied for "second Orgasm", which that submit anybody entered in "unaccomplished's equation" and the "devastation phenomenon", in a setting characterized for abusive relationship, where love is a way - anything for filling yourself, could allow she make the her "own name". To understand this psychological phenomenon, regarding the absence to any significant as can answer "how is the woman?", the herself meet with the "mortifying orgasm", we used some Freud's and Lacan's concept, take up the couple implication- accountability, as a well the possibility that women to do settings filled with lively which through yourself orgasm.

Keywords: Abusive relationship. Femininity. Devastation.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, S.(1986). *O que querem as mulheres?* Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998.

ANDRÉ, S.(1986). *O que querem as mulheres?* Rio de Janeiro. Jorge Zahar: 1998., Ibid, 210.

DUPIM, G.; BESSET, V. L. Devastação: um nome para dor de amor. *Opção Lacaniana*, N 6, p.1-6, 2011.

FREUD, S. (1996a) Sobre o narcisismo uma introdução. In *S. Freud, Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago,1914.

FREUD. S. (1996). Além do princípio do prazer. In *S. Freud, Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1920.

FREUD.S. (1996c) Sexualidade feminina. In *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1931.

FREUD, S. (1996). O mal-estar na civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).

FUENTES, M. J. S. *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GUIMARÃES.L. *Os gozos da mulher: Da devastação à vivificação*. KBR, 2014.

LACAN. J. (1953). O seminário, Livro 5, *As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

LACAN.J. (1958). Diretrizes para um congresso sobre sexualidade feminina. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN.J. (1960). *O seminário, Livro 8, A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LACAN.J. (1962). *O seminário. Livro 10, A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010

LACAN. J.(1972-1973). *O seminário, Livro 20, Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN. J. (1974). *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar:1993. Ibid.,538.

MILLER. J. A. O amor sintomático. In: *O sintoma-charlatão. Textos reunidos pela Fundação do Campo Freudiano*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1998.

MILLER J. A. O amor sintomático. In: *O sintoma-charlatão. Textos reunidos pela Fundação do Campo Freudiano*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1998. Ibid.,30.

MILLER. J. A. Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana Online nova série, ano 3, n 7*. Março.2012.

NÁSIO. J.-D.(1992) *As cinco lições sobre Jacques Lacan*. Jorge Zahar, 1993.

ZIRMERMAN. D.E. Manual de Técnica Psicanáltica. *Uma revisão*. Porto Alegre. Artmed, 2008.